

Autorretratos: Selfie e a Construção da Identidade

Self-portraits: Selfie and the Construction of Identity

Lurdi Blauth

Universidade Feevale de Novo Hamburgo/RS - Brasil
lurdiblauth@gmail.com

Fabiane C. Magalhães Machado

Universidade Feevale de Novo Hamburgo/RS - Brasil
fbycris@hotmail.com

Laura Ribeiro Rueda

Universidade Feevale de Novo Hamburgo/RS - Brasil
amandabeckerartistavisual@gmail.com

Resumo

O presente estudo investiga questões que envolvem a problemática da identidade em retratos fotográficos contemporâneos. São analisados autorretratos para discutir a fragilidade das identidades a partir de uma produção artística denominada de *Limites do Diáfano*, que é composta por uma série de imagens apropriadas da Internet, mais especificamente autorretratos, os selfies. O gesto de se autofotografar é abordado como ato de construção da identidade, buscando-se embasamento teórico em autores que refletem sobre este tema, como Annateresa Fabris e Joan Fontcuberta.

Abstract

The present study investigates questions that involve the problematic of the identity in contemporary photographic portraits. Self-portraits are analyzed to discuss the fragility of identities from an artistic production called the Limits of the Daphne, which is composed of a series of appropriate images of the Internet, more specifically self-portraits, selfies. The gesture of self-photographing is approached as an act of identity construction, seeking a theoretical basis in authors who reflect on this theme, such as Annateresa Fabris and Joan Fontcuberta.

Palavras-chave: Fotografia. Autorretrato. Selfie. **Keywords:** Photography. Self-portrait. Selfie. Identity. Identidade.

Introdução

A fotografia tem acompanhado as mudanças sociológicas que se vive, passou-se a utilizá-la diariamente como meio de comunicação e de linguagem. Antes do surgimento da fotografia digital fazer uma foto envolvia todo um processo de escolhas e por vezes de ocasiões especiais antes de se disparar o botão, hoje tirar uma fotografia tornou-se um ato banal e corriqueiro. Na atualidade, todos são produtores de imagem; o gesto fotográfico surge como comunicador e acaba por testemunhar a presença no mundo. O modo como o indivíduo se percebe e de como os outros o percebem, na sociedade contemporânea, acaba sendo, também, construído visualmente e virtualmente.

A fotografia de autorretrato, talvez esteja entre as principais imagens que nos identificam. Estas imagens põem em evidência aspectos de nossa identidade ligados ao exibicionismo e narcisismo, mas também estabelecem relações psicológicas entre as diferentes formas que possuímos de encarar a própria representação.

Ao longo da História da Arte autorretratos foram reproduzidos por inúmeros artistas, o artista pós-impressionista Van Gogh produziu mais de trinta autorretratos durante sua vida. Van Gogh pintava a si mesmo porque não tinha dinheiro para pagar por um modelo, antes de se autorretratar ele ficava parado em frente a um espelho se observando. O artista utilizava os autorretratos como forma de prática e também de autoconhecimento, explorava diferentes cores e expressões faciais, em uma de suas cartas a seu irmão, Théo ele escreveu que era difícil conhecer a si mesmo, mas que também não era fácil pintar a si mesmo. (Van Gogh Gallery, Self-Portraits).

Ao analisarmos os selfies, ou os autorretratos contemporâneos publicados em redes sociais, podemos observar que os usuários dispõem de uma série de filtros de luz e cor, também podendo manipular a própria imagem com figuras interativas que indicam as emoções para aquele momento. Em recente estudo da Universidade da Geórgia, o psicólogo, Keith Campbell observa que os selfies não deixam de ser uma “expressão artística, variação moderna dos autorretratos dos artistas.” (SELFIE. Danger of too many selfies, Independent Uk) Tanto nos selfies como nas pinturas de autorretrato o autor também é o protagonista e a maior diferença, depois da técnica de execução, pode-se dizer que está no tempo de produção.

Muitos filósofos e antropólogos consideram a sociedade atual como sendo uma sociedade virtual, nossos relacionamentos e relações são caracterizados como sendo líquidos (Zygmunt Bauman, 2004), nos conectamos mais do que nos relacionamos. Vivemos em uma sociedade voltada para o visual e a cada dia cresce a necessidade de ser visto e fotografado, contribuindo para que nossa identidade esteja mais ligada ao visual do que propriamente à essência e subjetividade.

A produção artística que é analisada neste estudo origina-se de imagens de selfies publicadas em redes sociais de acesso público. No primeiro momento discorre-se sobre a construção da identidade do indivíduo através de autorretratos e questiona-se a relação do espectador com o trabalho *Limites do Diáfano* da artista visual Fabiane Machado.

Imagem e Identidade

No decorrer dos encontros vividos com o outro busca-se a afirmação de identidade. É através do reconhecimento daquilo que nos diferencia, que ao mesmo tempo nos aproximamos e nos distanciamos do outro. A maneira como confrontamos estas diferenças influenciam a construção de nossa identidade. Surge do contexto histórico e social em que vivemos as possibilidades, os modos e as alternativas de identidade. A identidade não é apenas uma imagem de si, mas um processo de produção constante de si.

O artista e teórico, Joan Fontcuberta (2012), comenta sobre como a fotografia digital e o desenvolvimento das tecnologias, mudaram e estabeleceram uma nova relação entre nós e a fotografia.

Os valores de registro, verdade, memória, arquivo, identidade, fragmentação etc, que tinham apoiado ideologicamente a fotografia no século XIX foram transferidos para a fotografia digital, cujo horizonte no século XXI se orienta, por sua vez, para o virtual. (Fontcuberta, 2012, p. 19)

No momento atual, cada experiência que temos é fotografada, não fotografá-la, praticamente significa não vivê-la. Passamos a pensar de forma fotográfica. Tudo é fotografável e pode ser compartilhado instantaneamente em diversos sites da Internet, permitindo a interação de usuários ao redor do mundo. Passamos a transitar pelo mundo, munidos de uma câmera, o que nos faz, praticamente, existir graças às imagens, “*fotografo, logo existo*”. (Fontcuberta, 2012, p. 19).

(...) percebamos ou não, a fotografia também é uma forma de filosofia. Talvez por esse motivo devemos afinar o alcance dessa proposta recortando pelo menos duas versões: no modo perifrástico exortativo, “fotografo, logo faço existir” (porque a câmera de fato certifica a existência), e na forma passiva, “sou fotografado, logo existo”. (Fontcuberta, 2012, p. 19)

Existe um crescente aumento da necessidade de se auto-fotografar, como se houvesse uma relação entre imagem e felicidade. Os selfies¹ tornaram-se objeto de estudo por parte de inúmeros pesquisadores. Ao fazer uma busca no Google com as palavras “selfie perfeita” surgirão mais de 519 mil resultados, no Instagram², serão mais de 230 milhões de imagens para palavra selfie. A obsessão por selfies pode ser facilmente observada ao abrir qualquer rede social.

Na busca pelo selfie perfeito as pessoas recorrem à aplicativos para manipular a imagem, filtros de cor, afinar rostos, alongar pernas, melhorar a aparência na internet se tornou prática habitual de quem faz uso de selfies. Segundo o site de economia UOL, o aplicativo chinês de edição de selfies, Meitu, é atualmente considerado uma das 10 maiores empresas da China, valendo mais de 3 bilhões de dólares. O que também cresce na China, são os procedimentos de cirurgia plástica. Os Chineses são os que mais postam selfies na rede, o que leva a acreditar que as cirurgias plásticas acontecem em decorrência das

¹ Segundo Oxford Dictionaries, selfie é a fotografia tirada de si mesmo, geralmente feita a partir de um celular, webcam, e compartilhada em rede social. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/pt/defini%C3%A7%C3%A3o/ingl%C3%AAs-americano/selfie>

² O Instagram é um aplicativo e rede social que foi lançado em outubro de 2010 projetado para celulares e tablets. Pode ser baixado gratuitamente na internet. Fotografias e vídeos podem ser feitas a partir do celular, adicionadas ao aplicativo e compartilhadas com a rede de seguidores de quem faz a postagem ou ainda compartilhadas com todos usuários do aplicativo. (Disponível em http://money.cnn.com/2011/05/25/technology/techcrunch_instagram_tumblr/?section=money_latest. Acesso em 13.05.2016)

peças não se identificarem com as imagens manipuladas que publicam de si mesmas. (SELFIE, Obsessão por beleza na China ajuda aplicativo de edição, UOL Economia).

Em fato, a preocupação pela auto-imagem não é algo tão recente, desde os primeiros retratos fotográficos, construiu-se uma idealização a respeito da auto-imagem. A clientela queria um retrato com aparência fidedigna e agradável, o que também dificultava a comercialização dos retratos fotográficos, fazendo com que os clientes ainda escolhessem retratos pictóricos, já que os pintores podiam optar em não retratar algum aspecto físico que o cliente não gostasse. Na busca por comercializar mais a fotografia se deu o surgimento do “retoque fotográfico”, como aponta Annateresa Fabris em seu livro, *Identidades Virtuais*, 2004.

Em virtude de sua especificidade técnica, a chapa registrava com exatidão as feições do modelo, cabendo ao retoque a tarefa de dissimular o que a imagem ostentava com tanta clareza a ponto de desagradar a clientela. (Fabris, 2004, p. 27)

Fabris (2004, p. 29) discorre a respeito da instituição de “estereótipos sociais” que se introduziram já nos primeiros retratos fotográficos. Uma teatralização obtida através de cenários, acessórios e da postura do retratado, criavam uma ilusão realista. De certa forma, estes estereótipos, fazem parte da construção de nossa identidade social, onde muitas vezes se destaca mais a personagem do que o próprio indivíduo. “A identidade do retrato fotográfico é uma identidade construída de acordo com normas sociais precisas. Nela se assenta a configuração de um eu precário e ficcional.” (Fabris, 2004, p. 55)

Com a obsessão por fotografar tudo e a todo o momento, acabamos produzindo mais imagens do que somos capazes de consumir. A imagem passou a ser banalizada e diariamente milhões de fotografias são carregadas na internet. Joan Fontcuberta analisa este fato como sendo parte constituinte da atual sociedade virtual na qual vivemos. (FONTCUBERTA, Joan. *Postfotografia Según Joan Fontcuberta*, 2013).

Um dos trabalhos de Fontcuberta utilizado como referência para a produção da pesquisa poética aqui analisado chama-se, “Através del Espejo” (2012-2013). São fotografias que, segundo o autor, foram “adotadas” da internet”. Seria uma apropriação por adoção, não se reclama a paternidade biológica das imagens, apenas sua tutela ideológica”. (FONTCUBERTA, Joan. *Postfotografia Según Joan Fontcuberta*, 2013. Tradução livre da autora). O artista usa o termo adoção ao invés de apropriação, já que para ele existem milhares de imagens que são produzidas e depois abandonadas. “Que sentido tem produzir mais do mesmo quando podemos recuperar e reciclar criticamente o material existente, atribuindo novo sentido e significado?” (FONTCUBERTA, Joan. *Postfotografia Según Joan Fontcuberta*, 2013).

Em, “Através del Espejo” (2012-2013), Fontcuberta, adota fotografias procedentes da internet realizadas diante de um espelho, onde além do fotógrafo aparece o aparelho (máquina fotográfica, celular ou webcam) que fez o registro. Este trabalho faz parte de uma mostra itinerante do artista, é composta por imagens que se sobrepõem e se acumulam, o artista pensa em diversas mídias para divulgar seu trabalho. Apresenta a ideia do autor como diretor, a partir de uma ruptura entre público e privado, diante da possibilidade de nos dias atuais se compartilhar abertamente imagens pessoais (Figura 01).

Imagem 1 – Fontcuberta, *Através del Espejo*, Fotografia, 2012-2013.



Fonte: El Ojo Blindado.

As fotografias de *Através del Espejo*, são denominadas selfies, por serem fotografias tiradas de si mesmo. Já se passaram seis anos desde que Fontcuberta realizou este trabalho e desde lá os selfies se popularizaram cada vez mais. Tutoriais e adaptadores foram desenvolvidos para facilitar e melhorar a produção das auto-imagens. A fotografia na era dos smartphones³ possibilita o compartilhamento instantâneo dos momentos que vivemos, e por isso fica tão difícil conter a compulsão por tirar fotos.

Hoje quando queremos saber quem é certa pessoa, geralmente busca-se por informações em alguma rede social. No caso do Instagram, nada além de fotos e vídeos, depoucos segundos são exibidos, mas eles já nos fazem criar uma identidade para aquela pessoa. A partir das imagens que ela exhibe acreditamos saber o que ela gosta de comer, os lugares que costuma frequentar, os grupos sociais com que se relaciona. As redes sociais acabaram por criar novos estereótipos de identidades.

Para a pesquisadora Annateresa Fabris (2004) a identidade é ponto central na relação entre o indivíduo e sua própria imagem. A imagem não afirma a autossuficiência do eu, mas acomete superficialidade, para a autora no meio cultural o outro faz parte da construção de identidade.

Isso ocorre porque a fotografia confronta o modelo com a precariedade da identidade humana em sua individualidade biológica, psicológica e social, situando-a na esfera do reflexo. O retrato, de fato, ativa um mecanismo cultural que faz o indivíduo alcançar a própria identidade graças ao olhar do outro. (Fabris, 2004, p. 51)

Diariamente nas redes de relacionamento são postadas inúmeros selfies e muitas vezes o mesmo usuário publica mais de uma única imagem de si mesmo. Seria isso proveniente da necessidade de afirmações de identidade, um atestado da existência? Quantas fotos precisa-se fazer e compartilhar em único dia para que se sinta vivo e fazendo parte de um grupo social? Seria *Através* das curtidas, ou *likes* que se recebe, que o sujeito se reconhece aceito pelo outro? Ter uma foto “curtida” significa a aprovação de sua própria imagem, de sua identidade?

³ **Smartphone** é um telefone celular, e significa **telefone inteligente**, em português, e é um termo de origem inglesa. O smartphone é um celular com tecnologias avançadas, o que inclui programas executados um sistema operacional, equivalente aos computadores. <http://www.significados.com.br/smartphone/>

Limites do Diáfano

O trabalho “Limites do Diáfano”, 2016, é constituído por imagens de selfies apropriadas, ou porque não dizer, adotadas da internet. Foram selecionadas para este trabalho 15 imagens de selfies de um arquivo pessoal de Fabiane Machado. Durante um período de tempo a artista coletou diferentes tipos de selfies, que por algum motivo chamavam a atenção. Estas fotografias foram compartilhadas como públicas no Instagram e a escolha das imagens se deu pelo padrão estético buscado para o desenvolvimento de seu trabalho, ou seja, imagens de selfies em que a pessoa estivesse retratada sobre um fundo claro. Manteve-se o formato que o aplicativo usa, fazendo um recorte, conservando nomes e descrições, deixando a coloração original e o formato de visualização que o usuário escolheu na hora de publicar a imagem.

Em uma etapa posterior as imagens foram impressas em material adesivo transparente e coladas sobre placas de vidro reflecta-translúcido em tamanho 8 cm x 16 cm. O tamanho escolhido se aproxima às dimensões dos modernos aparelhos de celular, smartphones, já que costumeiramente é onde se visualiza este tipo de fotografia. Lado a lado e uma após a outra as placas com as fotografias foram enfileiradas sobre um suporte de acrílico. A forma como as imagens foram dispostas criaram uma sobreposição de imagens, de identidades que se mesclam.

O procedimento de utilizar as fotografias sobre um suporte translúcido permite identificar com certa clareza a imagem. Ao analisarmos um selfie é possível identifica-lo como uma forma de identidade contemporânea, por isso foram escolhidas imagens em que as pessoas tenham apenas se retratado na frente de um fundo claro, propiciando que se assemelhem aos retratos de documentos de identidades.

Notamos que algumas pessoas acrescentavam legenda e a localização onde se encontravam no momento em que tiraram a foto, padrão que foi mantido para permitir que o espectador pudesse reconhecer a origem das fotos, (o Instagram) e também tendo a intenção de provocar uma ação reflexiva nos mesmos a respeito do próprio uso de selfies em redes sociais, permitindo o acesso público (Figuras, 02, 03 e 04).

Imagem 2 – Fabiane Machado. Arquivo Pessoal de Imagens Adotas do Instagram, 2016. Fotografia.



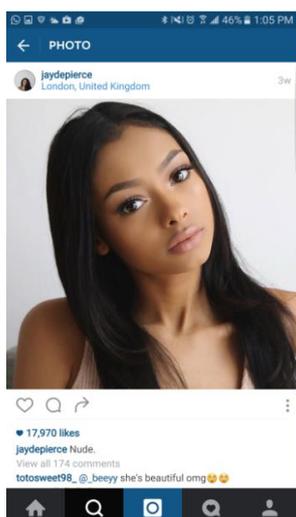
Fonte Arquivo da Artista.

Imagem 3 – Fabiane Machado. Arquivo Pessoal de Imagens Adotas do Instagram, 2016.



Fonte Arquivo da Artista.

Imagem 4 – Fabiane Machado. Arquivo Pessoal de Imagens Adotas do Instagram, 2016. Fotografia.



Fonte Arquivo da Artista.

Nestes trabalhos produzidos por Machado, a escolha do vidro como suporte está relacionada à sua fragilidade e transparência, já que através das redes sociais a análise sobre as identidades torna-se cada vez mais frágeis e sem aprofundamento. As vitrines de vidro das lojas, por exemplo, também fazem lembrar o Instagram, pois ele serve como uma vitrine para pessoas venderem produtos, ideias, conceitos e sua própria imagem. A preferência pelo vidro reflecta-translúcido foi utilizada com o intuito de provocar a inserção do espectador na imagem, visto que o trabalho também reflete sua imagem dependendo do ângulo em que se coloca. Existe a possibilidade de melhor visibilidade da imagem, se o trabalho for observado pelo seu lado avesso, porém a imagem e palavras aparecem invertidas. Quando o espectador se vê no reflexo do trabalho acaba por se reconhecer e se identificar com o gesto de se auto-fotografar e de muitas vezes compartilhar este mesmo tipo de imagem. Talvez ele acabe percebendo a fragilidade em expor sua intimidade em redes sociais, a partir do momento que as reconhece como sendo imagens fruto de um ato de apropriação (Figuras 05 e 06).

Ao mesmo tempo em que cada indivíduo é único, com características fisionômicas distintas, as fotografias que compõem “Limites do Diáfano”, se assemelham devido ao arquétipo social institucionalizado nesse tipo de imagem. A aparência buscada nos selfies surge como produto da construção social do indivíduo, que encontra um padrão estético a seguir e assim passa a se identificar com a imagem que vê. “A fotografia constrói uma identidade social, uma identidade padronizada, que desafia, não raro, o conceito de individualidade, permitindo forjar as mais variadas tipologias.” (Fabris, 2004, p. 15). Para refletir sobre estes pensamentos propõe-se a poética de “Limites do Diáfano”.

Imagem 5 – Fabiane Machado, da série Limites do Diáfano, 2016. Fotografia sobre vidro.



Fonte Arquivo da Artista.

Imagem 6 – Fabiane Machado, da série Limites do Diáfano, 2016.



Fonte Arquivo da Artista.

Considerações Finais

O uso de selfies e suas postagens em redes sociais atinge todas camadas da sociedade, não fazendo distinção de gênero ou classe social, podendo ser compreendido como um fenômeno cultural da época atual. A partir do uso de mecanismos para edição do autorretrato o autor evidencia e constrói sua imagem como deseja ser visto, mesmo que esta não seja o reflexo da realidade.

O desenvolvimento tecnológico de aparelhos de comunicação permite que estas imagens sejam difundidas em alta velocidade na internet e desta maneira um número enorme de selfies é compartilhado diariamente pelos usuários das redes, que não se inibem em postar suas imagens pessoais para domínio público. Apresentamos neste estudo a produção de imagens de selfies apropriadas do Instagram pela artista Fabiane Machado para, talvez, pensarmos sobre esse excesso de compartilhamentos momentâneos e publicados em domínio público. Neste trabalho, as imagens foram associadas a autorretratos de documentos de identificação traçando um paralelo entre imagem e identidade.

Percebemos certa valorização da identidade do indivíduo a partir da popularização e visualização que estas imagens recebem pelos outros usuários. Uma nova maneira de relacionamento com o outro e consigo mesmo tem-se instituído, o indivíduo contemporâneo tem transitado em busca de sua identidade também através das redes sociais pelo uso de sua imagem e da aceitação de sua imagem pelo outro.

Após esta análise permanecem alguns questionamentos para reflexão, visto que toda inovação nos obriga a discernir entre perdas e ganhos. Na sociedade contemporânea se está mais preocupado com a construção de uma identidade social ideal do que com a essência individual? A que tipo de identidade estes retratos (selfies) remetem e o quanto essas imagens estão abertas a ressignificações por parte de quem as observa? São questões que estão abertas para novos estudos e discussões e que não se encerram no contexto deste artigo.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. (2004) *Amor Líquido*. São Paulo: Editora Zahar.

FABRIS, A. (2004) *Identidades Virtuais – Uma Leitura do Retrato Fotográfico*. BH: Ed. UFMG.

FONTCUBERTA, J. (2012) *A câmera de pandora: a fotografia depois da fotografia*. São Paulo: G. Gilli.

FONTCUBERTA, J. (2013) *Postfotografia Según Joan Fontcuberta*. Disponível em: <http://basespostfotografia.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2014-01-01T00:00:00-08:00&max-results=5> Acesso em: 10 maio 2016.

FONTCUBERTA, J. 01 imagem col. Disponível em: <https://elojoblindadoscero.files.wordpress.com/2012/11/1285106608994.jpg>.

INSTAGRAM. Disponível em: http://money.cnn.com/2011/05/25/technology/techcrunch_instagram_tumblr/?section=money_latest. Acesso em: 13 maio 2016.

SELFIE. Obsessão por beleza na China ajuda aplicativo de edição. *UOL Economia*. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2016/04/13/obsessao-por-beleza-na-china-ajuda-aplicativo-de-edicao-selfie.htm>. Acesso em: 10 maio 2016.

SELFIE. Danger of too many selfies. *Independent Uk*. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/features/the-danger-of-too-many-selfies-were-striving-for-perfection-that-wont-come-10053077.html> Acesso em: 10 maio 2016.

SELFIE. Definição. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/pt/defini%C3%A7%C3%A3o/ingl%C3%AAs-americano/selfie>. Acesso em: 10 maio 2016.

SMARTPHONE. Definição. Disponível em: <http://www.significados.com.br/smartphone/>. Acesso em: 15 maio 2016.

VAN GOGH GALLERY. *Self-Portraits*. Disponível em: <http://www.vangoghgallery.com/misc/selfportrait.html>. Acesso em: 21 maio 2016.